

Um pensamento diferencial ou fracional do poder: Laruelle, o princípio do poder e mais além

Differential or fractional thinking of power: Laruelle, the power principle and beyond
Pensamiento diferencial o fraccional del poder: Laruelle, el principio del poder y más allá

Mário Bruno

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/Brasil)
Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)
mariobrunouerj@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4852-4191>

RESUMO

O princípio do poder e o além deste princípio. As generalidades gregárias do poder (o Estado, a Luta de Classes, o Contrato, a Vontade geral etc.). O retorno ao materialismo político. O conceito de Continente político. O objeto pequeno (r). Os três “além” de Laruelle. A política fracional ou diferencial, o ser-político do sujeito e o Gozo além do princípio do poder.

PALAVRAS-CHAVE: Laruelle; Diferença; Poder; Materialismo político.

ABSTRACT

The power principle and beyond. The gregarious generalities of power (the State, Class conflict, the Contract, the General will etc.). The return to the political materialism. The concept of Political Continent. The little (r) object. The three “beyond” of Laruelle. The fractional politic or differential, the being-political of the subject and the joy beyond the power principle.

KEYWORDS: Laruelle; Difference; Power; Political materialism.

* Sobre o autor ver página 123.



RESUMEN

El principio del poder y más allá de este principio. Las generalidades gregarias del poder (el Estado, la Lucha de Clases, el Contrato, la Voluntad General, etc.). El regreso al materialismo político. El concepto de continente político. El objeto pequeño (r). Los tres de Laruelle "más allá". Política fraccionada o diferencial, el ser político del sujeto y Gozo más allá del principio de poder.

PALABRAS-CLAVE: Laruelle; Diferencia; Energía; Materialismo político.

1 Introdução

Este artigo pretende ser uma introdução ao pensamento diferencial ou fracional de Laruelle na obra *Além do Princípio do Poder*. Laruelle é um filósofo francês intempestivo que procura apresentar um pensamento “adequado” às situações sociais e históricas do contemporâneo. *Além do Princípio do Poder*, junto com *Nietzsche contra Heidegger* e outras obras, é um livro que pertence à fase Laruelle (1) (assim denominada pelo próprio autor). Nessa fase, ele se encontrava muito influenciado pelas obras *Nietzsche e a Filosofia*, de Deleuze, *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, de Deleuze-Guattari, e outros textos da época escritos pelos filósofos Foucault e Derrida. Laruelle é um autor ainda pouco traduzido em português, mas que apresenta importantes contribuições para o pensamento ético, político, estético e libidinal.

2 O materialismo político de Laruelle

Laruelle (1978, p. 13), em *Além do princípio do Poder*, ao indagar sobre o fim ou a finalidade do pensamento, enuncia que todo poder se afirma a partir de algo que deveríamos nomear de “impoder”, o qual se distingue de uma impotência. É nítido que se trata de interrogar, depois de Foucault, acerca das instâncias do poder, partindo do impoder para chegar a um devir ativo. A boa nova de Nietzsche.

Laruelle (1978, p. 13-14), por outro lado, se propõe a repensar o uso da palavra Revolução, num momento em que fomos tomados por um grande desgosto em relação aos ativismos, aos militantíssimos e aos programas políticos. Ele estabelece uma interessante distinção entre o “**princípio do poder**” e o “**além deste princípio**”. De saída, para o desenvolvimento de algumas linhas de demarcação, apresenta-nos cinco teses básicas:

1ª) O ser político do poder, sua ontologia, implica uma divisão (*Spaltung*) que podemos nomear de dissidência afirmativa do poder. Essa dissidência é o efeito e a condição de uma enunciação minoritária. De acordo com Laruelle (1978, p. 14), a enunciação ou produção minoritária do poder, em sua definição interna ou genética e fracional.

2ª) A filosofia política atual não colocou em questão a proveniência (a genealogia) do poder a partir de uma historicidade radical de sua divisão interna e afirmativa.

3ª) A filosofia política atual tem confundido o sentido político do poder com suas representações imaginárias ou com suas relações empíricas reais. Ele quer pensar a máquina ou o dispositivo fracional capaz de produzir, simultaneamente, o poder e sua essência produtiva. A onto-teo-política atual confundiu “a essência do poder com suas formas transcendentais ou dominantes” (LARUELLE, 1978, p. 15), em outras palavras, confundiu a **enunciação do poder** “com os seus enunciados políticos” (p. 15).

4ª) A filosofia política atual deu a si o “poder” através de intermediários não-políticos, subordinando o poder a certas generalidades econômicas, linguísticas, jurídicas, psicanalíticas, etc.

5ª) Essa impotência de determinar o sentido político do poder é uma denegação da divisão (*Spaltung*) do próprio poder (p. 15).

3 As generalidades gregárias do poder

Na ótica de Laruelle (1978), a teoria política atual já se encontra instaurada no ser político do poder e, por isso mesmo, considera o poder como algo conhecido e pensado. Sendo assim, valendo-se de uma denominação comum a Deleuze e Guattari, Laruelle (1978, p. 16) enumera as generalidades gregárias ou molares do poder:

[...] generalidade de produção econômica da vontade (o Príncipe, o Sujeito), generalidade históricas (o Povo, a Nação), generalidades “políticas”, no sentido tradicional (o Estado, a Luta das consciências pelo reconhecimento, a relação amigo-inimigo), generalidade jurídicas (o Contrato, a Lei, a “sociedade civil”, a Pessoa, a Vontade geral), generalidades linguísticas e lógico-simbólicas (o Significante e a intersubjetividade que ele funda) (LARUELLE, 1978, p. 16).

Na perspectiva de Laruelle (1978), a **onto-teo-política** separa o poder de suas determinações políticas imediatas, transformando o poder em objetos de fetiches: o Príncipe, o Déspota, a Vontade, o Povo, o Estado, o Burguês e o Proletário, o Mestre, o Rebelde. Com isso, ao fetichizar a **onto-teo-política** enfraquece e despolitiza as “Resistências” ou “dis-sidências” de impoder (o processo fracional das multiplicidades).

Para ele, antes de lutarmos contra o poder em geral é preciso, em prol de uma crítica política revolucionária, encontrar o sentido do “ser político” para não o despolitizar nas generalidades estáticas da Contradição de Classes, da Dominação, do Aparelho de Estado, da Vontade do Príncipe. Em outras palavras, é preciso evitar os modos platonizantes de denúncia do poder para que encontremos a genealogia ou a produção do poder sem nos rendermos aos fetichismos políticos que apenas denegam, através das idealidades significantes, a materialidade de fluxo das práticas revolucionárias LARUELLE, 1978, p. 16-17).

4 A *différance* e o quadripartido

Reparemos que os problemas, aos quais estamos nos referindo, tiveram um significativo início numa obra anterior, escrita por Laruelle, **Nietzsche contra Heidegger**. É impossível refazer o percurso que este livro nos convida, retomemos apenas um dos pontos fundamentais, o quadripartido.

Para Laruelle (LARUELLE, 1977, p. 10), Nietzsche situava o Mestre e o Rebelde numa relação de duplicidade, liquidando a oposição monista do Mestre e do Escravo e o dualismo enquanto contradição mediatizada. O fascista e o revolucionário atravessavam o interior do interior e o exterior do exterior de Nietzsche numa complexa construção a quatro termos.

Aqui, especialmente influenciado pelo Deleuze de **Nietzsche e a filosofia**, Laruelle apresenta, ao pensar o poder e a vida, uma coincidência imediata dos contrários sem dialetização. A vida e o poder se dividem infinitamente e se ramificam nos seus opostos, num devir puro, devir bio-político dos organismos e das instituições, devir fracional. Deste modo, conjugando Nietzsche e Deleuze, Laruelle (1977, p. 15) constrói o quadripartido, a relação dúplice com seus dois vetores cruzados ativo/reactivo e afirmação/negação.

Laruelle (1977, p. 33-34) compreende a vontade de poder nietzschiana como sendo uma força libidinal, intensiva e produtiva. Desta feita, o que constitui os princípios de síntese e diferenciação são os vetores da relação dúplice. São estes diferenciais que nos permitem pensar (avaliar) a produção e os efeitos como *Différance* (escrito à maneira de Derrida).

5 A essência transpolítica ou fracional do poder

Segundo Laruelle (1978, p. 17), dizer que o poder está em todo lugar não é o mesmo que dizer “tudo é político”. Mesmo pensando o poder como Corpo, não há um “todo” do poder. Só falamos do “todo” do poder quando confundimos a essência afirmativa do impoder com suas formas dominantes. O poder em geral é uma representação, uma imagem fabricada, uma invenção baixa. Não obstante, em oposição aos paralogismos dos dois discursos dominantes sobre o poder (o marxista e o freudiano), a “hermenêutica do poder”, à maneira nietzschiana, nos traz o sentido do poder na sua essência produtiva e fracional.

Numa prática minoritária, na perspectiva de Laruelle, (1978, p. 18), é preciso compreender um fazer virtual do poder, um tipo de “além política” (além da política dominante) no qual um conceito não-onto-teo-político se configure como (produção + divisão) do poder: a essência do poder não é nem macro e nem micro, mas “transpolítica ou fracional”.

6 O objeto ®

Laruelle (1978, p. 19) formula um conceito para dar conta de um objeto = x ($L \dot{\prime}$ incontinue = x) fugaz. Esse “x” é o além do princípio do poder, o objeto (r).

Sublinhe-se que se trata de uma retomada oblíqua do conceito lacaniano de “objeto a”. Lacan havia definido o “objeto a” como um elemento

completo, irrepresentável que seria ao mesmo tempo função e resíduo. Relendo Freud, ele afirmava que as pulsões parciais não tinham propriamente objetos, a lista dos quatro objetos especificados por zonas corporais seriam somente a lista dos estilhaços do “objeto a”.

Numa lógica dos “estilhaços” do poder, para além da representação, Laruelle encontra um objeto fracional. O objeto (\mathfrak{r}) designa não o poder em geral, mas sua essência subtraída de toda generalidade dominante. O pequeno “ \mathfrak{r} ” tem como sentido resistência e revolução, ele é o poder minoritário enquanto anti-poder ou impoder.

7 Uma hermenêutica do ser político do sujeito

De acordo com Laruelle (1978, p. 21), o problema do poder minoritário enquanto anti-poder, assim como, as relações entre revolução e resistência, tudo isso é abordado por ele através de uma hermenêutica. Ele reconhece a dificuldade de retomar este termo e o mal-entendido que a formulação de um conceito de hermenêutica pode gerar.

Laruelle (1978, p. 22) propõe uma hermenêutica minoritária. A partir do dispositivo (\mathfrak{r}), ou objeto pequeno “ \mathfrak{r} ”. Com isso, ele busca uma tecnologia política que possa colocar frente a frente esses dois “contrários” (i)mediatos que são o princípio do poder e seu além.

Partindo da descoberta nietzschiana de que o poder não é um objeto qualificado genericamente, Laruelle (1978) reconfigura a expressão “materialismo político” para conjugá-la a uma hermenêutica que não exclui uma arqueologia do poder enquanto “poder-interpretar”. Ele se dirige-se aos marxistas, estruturalistas e positivistas e diz para não se preocuparem, pois a concepção de hermenêutica que propõe não deixa restar quase nada da velha hermenêutica¹ (LARUELLE, 1978, p. 23-24).

8 O Continente político

Aqui, Laruelle conjuga o conceito de objeto (\mathfrak{r}) a um outro conceito: o Continente político. O objeto (\mathfrak{r}) é a condição do Continente político. O objeto (\mathfrak{r}) é um objeto transcendental por sua função principal (a *Spaltung*) potencializada ou afirmada. O Continente político é um objeto empírico, por sua função principal (a condensação). O Continente político é a matriz dos corpos políticos reais institucionais. Podemos distinguir os dois objetos; no entanto, as relações de dissidência e revolução, assim como as condensações nos objetos políticos testemunham, a cada vez, um co-pertencimento das duas visões. Paradoxalmente, o “objeto (\mathfrak{r}) distribui a virtualidade revolucionária e o impoder até dentro da série fascista” (LARUELLE, 1978, p. 57-58).

¹ Quanto a esse pano de fundo hermenêutico, podemos localizar a tese de Deleuze (1976, [1962] p. 3): jamais encontramos o sentido de alguma coisa sem sabermos a força que dela se apodera. Deleuze, a partir de Nietzsche, entendeu a Filosofia e a Ciência como sintomologias. A variação do sentido é a sucessão dos fenômenos de dominação. Na hermenêutica, como nos ensina Deleuze, toda interpretação é uma arte na qual a dualidade aparência e essência é substituída nietzschianamente pela correlação fenômeno e sentido.

Por outro lado, a história atualiza e realiza o objeto (τ) e o torna presente. A lógica da história é sempre uma lógica da presença?

Laruelle (1978) distingue história de fascização. A história é uma atualização libidinal do objeto (τ) e a fascização é uma automatização da repetição que fixa semelhanças: um corpo todo imaginário reproduzindo “arquétipos (o corpo do chefe, o corpo do povo e do sangue, o corpo do pai e do líder, o corpo do falo, etc.)” (LARUELLE, 1978, p. 59).

O que está em questão é o “presente intra-histórico” (p. 60) das relações de poder. Se por um lado, a fascização e a história são duas visões sobre o presente; por outro lado, coexiste com o presente intra-histórico, mesmo no declínio de um processo revolucionário, o objeto (τ) que é sempre imanente e revolucionário.

9 O menor contra o Kantismo

Laruelle (1978), ao pensar o princípio do poder, define “princípio” a partir de um retorno crítico à objetivação clássica: o princípio seria o que fixa e expressa o curso da história. Uma filosofia menor propõe uma crítica ao princípio do poder. Sendo assim, a fascização e a revolução são princípios transcendentais e materiais. Trata-se de pensar com Kant contra Kant, o menor sem o **a priori**: “O **a priori** não é a condição do transcendental, é o transcendental que condiciona o **a priori**: mistura viciosa do empirismo e do transcendental” (p. 60). De certo modo, Laruelle denuncia uma política que se diz revolucionária, mas que não abre mão, apesar de seu empirismo de essências ou de formas. Nessa esteira, encontramos, também, uma crítica ao estruturalismo da forma sem-sujeito (o sujeito como falta ou ausência), embora Laruelle admita que o estruturalismo tenha permitido renovar o freudismo e o marxismo.

10 O terceiro além: a subjetivação

Laruelle (1978) propõe que pensemos os dois primeiros “além”, resistência e revolução, sendo ultrapassados por um terceiro “além”: o Gozo ou a subjetivação.

O que está em questão é a existência minoritária de um sujeito, deixando de ser apenas um evento local intra-histórico. O problema é compreender a subjetivação não como um princípio coextensivo à história, mas como uma experimentação afetada pela história.

O princípio do poder pressupõe sínteses de “reconhecimento”, mas o terceiro “além” decorre de sínteses econômicas de gozo ou de reafecção. A partir destas sínteses emerge um “devir minoritário de massas” (LARUELLE, 1978, p. 62).

Laruelle afirma que o marxismo não situou o problema da produção de massas refletindo sua reprodução sob a forma de classes. Para ele, a categoria de massas pode receber um rigoroso sentido materialista e uma outra validade política (LARUELLE, 1978, p. 63).

Sabemos que as massas recebem referências ideológicas e demagógicas. A noção de “massas” tornou-se largamente indiferenciada, uma mistura de povo e classe revolucionária. A proposta de Laruelle é ultrapassar a concepção gregária

e estatística de massas, assim como sua representação identificada e fascista, confundida com povo e com classes.

Para Laruelle, numa economia geral do poder (e de seu para além), as massas são associações subjetivas pré-egológicas, formadas de eus-fracionários sem identidade. A questão é pensar um estado narcísico primário das massas enquanto produção passiva (síntese passiva) de produção política: numa concepção materialista e genealógica das massas, distinguindo-se da concepção de classes e de suas possíveis relações com a intencionalidade ou com as casualidades mecanicistas (LARUELLE, 1978, p. 63-64).

11 O narcisismo como contemplação do eu

O narcisismo como contemplação do “eu” (o eu do proletário, o eu do aparelho, o eu do sindicato etc.) que se caracteriza por suas relações identificatórias e/ou especulares, difere-se de um outro narcisismo proposto por Laruelle (1978, p. 65-66) a partir de uma estética pré-egológica transcendental e materialista do poder. Ele pretende compreender, no devir das massas, elementos objetivos do poder e elementos afetivos da sensibilidade. Trata-se de uma proposta de experimentação da história fazendo-se a partir das massas em estado livre e fracionário.

12 O terceiro além: as classes e a reprodução das massas

A questão é: podemos passar de um ciclo de comunicação e distribuição transcendentais a um ciclo político libidinal imanente?

Laruelle (1978, p. 66-67), ao distinguir massas e classes, nomeia de classes aos “corpos subjetivos materiais” que formam massas quando elas se reproduzem. Mas as massas, dentro de um ciclo de reprodução e distribuição materiais podem entrar num devir revolucionário por referência a um ciclo político-libidinal imanente.

Entretanto, em que momentos as massas deixam de serem confundidas com as classes? Ou, como esses corpos subjetivos entram num devir num sentido maquínico e não-dialético? Ou, como essas classes deixam de ser entidades históricas para devirem processos subjetivos coextensivos à história?

Afirma Laruelle (1978, p. 67) que ao lado do princípio do poder, as massas se incorporam dentro das classes entidades, identificáveis, totalizantes e tomadas no fio de uma fascização crescente; mas do lado de seu além, elas se excedem num corpo imanente a si. Não obstante, o princípio do poder e seu além mantém uma relação encaracolada (*bouclé*) e o eu das massas, sem deixar de ser fracionário, preenche-se duas vezes: uma como totalizante, genérica, circular, tendência fascizante; outra como um conjunto subjetivo que exprime potências libidinais.

Salientemos que há aspectos complexos nesse duplo preenchimento do eu das massas. Segundo Laruelle (1978, p. 68), na sua relação com os órgãos fracionários de poder; o *eu* do poder não se preenche apenas com uma imagem capitalista ou com um fantasma imperialista, ele é sempre atravessado pelo gozo e pelo trabalho político das massas.

O que Laruelle denomina de classes não é o que se pode chamar de burguês ou de proletário, é uma outra clivagem. A classe burguesa e seu oposto, o ativismo político definido pela sua intencionalidade histórica transcendente. Trata-se de uma distinção ainda intracapitalista na qual o proletário vira um fantasma monstruoso, inclusive na prática do Partido (LARUELLE, 1978, p. 67-68).

É importante assinalar que para ele somente as massas em estado livre, associativo ou fracionário, são capazes de suportar a Revolução sem uma incorporação totalizante. Neste ponto, temos a diferença entre processo imanente e sua fascinação transcendente. Somente as massas não individualizadas nos seus processos fascinantes podem tolerar e experimentar os dilaceramentos revolucionários (LARUELLE, 1978, p. 68-69).

De acordo com Laruelle, o burguês ou proletário, individualizados grosseira ou gregariamente, são classes enquanto entidades estatísticas não suportam a crueldade das suas estátuas quebradas, não suportam a plasticidade do sujeito na história, não suportam o vivido interno aos processos de subjetivações. A Revolução, com os seus sujeitos fracionários ou de massas, é um poder e um impoder de pensar. Essas massas passam pelas classes-entidades, mas não derivam delas, as massas povoam um deserto do Continente político e coexistem com ele (LARUELLE, 1978, p. 69).

13 O terceiro além: o sujeito minoritário, a síntese das massas e das classes

Laruelle (1978), tomando como base o conceito de narcisismo (não-especular), fala das afecções dos sujeitos minoritários não presos ao círculo vicioso do poder. A grande questão é pensar uma síntese que opere sem mediação de uma generalidade indiferente (essência ou forma ou *a priori*). O sujeito minoritário ou de gozo não é um fato sintético *a priori* à maneira Kantiana. As sínteses passivas desse sujeito minoritário e suas entradas e suas entradas nas massas não têm a luta de classes como uma limitação ou destino (LARUELLE, 1978, p. 76-77).

Qual é o papel do filósofo diante dessa situação? Responde Laruelle (1978, p. 78) que o pensador tem que assumir a minoridade do ponto de vista de uma finitude resistente e dissidente. Não se trata de um problema especulativo de síntese transcendental. Aqui, a especulação teórica pura pouco vale, o pensamento é inseparável de um *pathos*, ou seja, de suas relações ético-políticas com as afecções e com o objeto (r).

A luta das massas, associada às forças produtivas libidinais, é um ponto fundamental para ele. Todavia, ao pensar a luta das massas, Laruelle tem que se deparar com as lutas de classe que são tão coextensivas à história quanto o além é coextensivo ao princípio do poder.

Em virtude disso, destacaremos três pontos desenvolvidos por Laruelle: a Revolução impossível, a Inevolução e a Desperatio.

a) A Revolução impossível

A Luta de Classes caracteriza uma inadequação das massas ao princípio do poder. Contudo, para as massas, a Revolução aparece, em primeiro lugar, como uma tarefa impossível, um ideal passado ou por vir.

O questiona o papel totalizante da noção de Luta de Classes. Há sempre o grande marxismo fornece às massas num primeiro momento, uma concepção empirista de Lutas de Classes, permitindo que a inadequação das massas ao princípio do poder ultrapasse a ideia de Revolução como tarefa impossível, dando uma imanência ao processo.

b) A Inevolução

Laruelle questiona o papel totalizante da noção de Luta de Classes. Há sempre risco das massas, ao se incorporarem às classes, façam retornar a legislação do princípio do poder (LARUELLE, 1978, p. 80).

Laruelle nos apresenta o conceito de “Inevolução” ou de uma despotencialização das classes que torna a Revolução impossível. Ele liga a inevituação ao que ele nomeia de princípio de morte do fascismo (LARUELLE, 1978, p. 81).

c) O Desperatio

Frente à grandeza do objetivo, a **Desperatio** constitui um princípio transcendente que leva muito mais a um ideal ascético do que a uma imanência real do processo do poder (e de seu “além”). Laruelle se propõe a pensar as relações dessa contenção como um **grau zero** da Revolução (LARUELLE, 1978, p. 80).

14 A destruição da primazia do ser-político do sujeito

O sujeito, numa primazia ôntica, com seus atributos (genéricos e específicos) está inscrito em um projeto político de poder. De acordo com Laruelle (1978), o ser-político não possui um ente a interrogar, mas investimentos de vizinhanças que não são dialéticos, nem significantes e sim maquínicos. Separa-se aqui uma compreensão ôntica do sujeito de uma ontologia sem critérios gregários de identificação ou mestria. Os eixos onto-teo-lógicos e seus avatares (Mestre/Escravo, Mestre/Rebelde, Soberano/Sujeito, Vontade geral/Vontade singular, Burguesia/Proletariado) são deslocados para que possamos compreender o “Continente político” para que possamos ir em direção a um Outro do sujeito a ser conquistado, para além das significações marxistas, estruturalistas e analíticas. Não se trata de aumentar um logos político especializado, mas da univocidade de sentido que vale para os experimentos corporais de poder e de libido do sujeito minoritário. A proposta de Laruelle é pensar um “Continente político” completamente distinto do continente histórico descoberto por Marx (LARUELLE, 1978, p. 93-94).

Laruelle põe em questão uma onto-teo-logia política que enfatiza uma fundamentalidade, uma espécie de **cogito** político (o **homopoliticus**, a consciência de classe), traz em função disso um pensamento “político = o positivo experimentando na forma de multiplicidade” (LARUELLE, 1978, p. 94).

O materialismo político é, para Laruelle, próximo aos traços do materialismo histórico. Não obstante, o Continente político, enquanto objeto de um pensamento minoritário, abandona fetiches como “formação social”, “classes” pensando o corpo político numa economia geral dos órgãos fracionários de poder (LARUELLE, 1978, p. 94-95).

De acordo com Laruelle (1978), há uma univocidade do ser-do-político, uma dimensão transcendental que não está contida num ego, numa consciência de si ou de classe. Segundo ele, é preciso analisar esquemas imanentes “à produção das noeses e dos noemas de poder” (p. 95) pensando para além das transcendências de poder e de suas entidades estatísticas (LARUELLE, 1978, p. 95).

15 Considerações finais

O materialismo político, na perspectiva de Laruelle não pretende responder a questão o que significa pensar, “mas pensar produzindo a questão, ou seja, o sentido de impoder do poder” (p. 96), numa “*epoché minoritária*” (p. 96).

Os corpos políticos subjetivos do ser-de-classe não se explicam através de teorias sobre a consciência de classe. Para Laruelle faz-se necessária uma topologia transcendental que estabeleça relações de poder segundo os potenciais que lhes determinam (LARUELLE, 1978, p. 96).

A dificuldade de um pensar minoritário é investir numa dimensão dupla: por um lado o sentido e por outro os meios materiais (categorias, significantes, espaço, tempo, etc.). E nesta *epoché* que o pensamento transcende para o objeto (τ), numa linha diferencial que rompe com “as diversas árvores onto-teológicas (entre céu e terra) como a linguística ou a fenomenologia” (p. 97).

O pensamento minoritário não é um acúmulo de saber e nem uma capitalização da cultura. Mas visa, segundo Laruelle “a fazer entrar o sentido do poder nos sistemas de seus “além” capaz de proporcionar à essência material soberania e de reduzi-la ao seu algoritmo universal, objeto (τ) (p. 97).

Na visão de Laruelle (p. 98), para analisar as relações entre as massas minoritárias e o continente político faz-se útil uma hermenêutica nietzchiana (anti-hermenêutica), rebelde, para numa forma radicalmente material lançar aos “Mestres do Saber e do Poder-saber” (p. 92) uma saudação de humor.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. Trabalho original: 1962.
- DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Porto: RÉ-S-Editora, s.d.
- LARUELLE, François. **Nietzsche contra Heidegger**. Paris: Payot, 1977.
- LARUELLE, François. **Au-delàduprincipe de pouvoir**. Paris: Payot, 1978.

Recebido em 31 de março de 2021.

Aceito em 20 de maio de 2021.

Publicado em 22 de julho de 2021.

SOBRE O AUTOR

Mario Bruno possui graduação em Letras - Português e Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984), graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). Atualmente é professor/pesquisador da Universidade Federal Fluminense e professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência nas áreas de Letras (com ênfase em Teoria Literária e Literatura Portuguesa) e de Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia e literatura, filosofia e clínica, filosofia e educação, política e criação, ética e liberdade. Realiza pesquisas nas áreas de filosofia (Leibniz, Espinoza, Nietzsche, Heidegger, Deleuze, Foucault, Derrida, Agamben, Sloterdijk) e de literatura contemporâneas (Vergílio Ferreira, Fernanda Botelho, José Saramago), em psicanálise (Freud, Lacan, Žižek) e em sociologia (Bauman, Baudrillard). Coordenador do Mestrado em Literatura Portuguesa da UERJ - 2009 e 2010.

E-mail: mariobrunouerj@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4852-4191>